

Fernando Molica

Oscar, o craque trabalhador

Eu devia ter uns 12 anos de idade e muito otimismo — achar que, adulto, superaria a casa do 1,70 m — quando decidi começar a aprender a jogar basquete na Universidade Gama Filho, dona do Colégio Piedade, onde estudava.

O verbo “aprender” não é absurdo. Até pela predominância do futebol entre nós e pela facilidade de praticá-lo por aí, suas técnicas básicas nos são ditadas na primeira infância. Quase nascem conosco — ou, como no meu caso, não nascem (devem ter sido perdidas na cesariana praticada na madrugada de um domingo de Carnaval, num hospital público de Quintino onde faltava luz).

Abandonado no berço pelo futebol, conclui que valia a pena praticar o esporte da seleção brasileira de Cariquinha (dele veio minha preferência pela camisa 7), Ubiratan e Hélio Rubens. Timaço. Anos depois, veria Oscar e Marcel em quadra.

Foi no ginásio da UGF que entendi a história do aprender. O basquete é um jogo de muita precisão, passa pelo controle da bola, pelos bloqueios corporais ao adversário, pela armação de jogadas e, obviamente, pelo arremesso à cesta. Tudo isso precisa ser ensinado e muito treinado.

O jeito de quicar a bola, com as mãos em concha, a maneira de passá-la por entre as próprias pernas ou de jogá-la às costas e, com a mesma mão, devolvê-la para frente, a busca do

equilíbrio e da precisão no salto para o chute: os braços sobre a cabeça, a concepção mental da trajetória, da parábola a ser feita na direção do alvo, a virada de pulso após o arremesso.

Tudo isso é para ressaltar a frase em que Oscar Schmidt dizia não ter mão santa, mas mão treinada. Depois de cada treino, ele continuava em quadra lançando, pelo menos, 500 bolas na direção da cesta. Pouco valeria seu talento se não houvesse tanto esforço, tanto trabalho, tanta dedicação; ele precisava dominar e condicionar seu corpo como um bailarino ou um atleta de ginástica artística.

No futebol, alguns craques também demonstraram o valor do treinamento duro. A excelência de Zico na cobrança de faltas vinha de seu hábito de treinar mesmo depois que os colegas iam para casa. Ficavam ele, a bola e a barreira móvel — e, possivelmente, bem na forquilha, a pobre de uma coruja que era impedida de dormir.

Oscar, que morreu na sexta passada, era da linhagem dos craques-trabalhadores: aprendeu, mudou a forma de praticar o basquete e nos ensinou a valorizar ainda mais a dedicação, a força, a disposição, o empenho. Foi rigoroso, detalhista, exigente.

(Ah, cheguei a jogar duas temporadas no infantil do Vasco. Apesar do nosso esforço, o time era fraco, colecionamos muitas derrotas. Mas foi divertido.)

Jolivaldo Freitas*

O Papa é pop ou frouxo?

O “coisa ruim” (como diria minha avó, que era católica carismática, ou seja, da mesma linha paralela do xiitismo islâmico, mas com outra roupagem) do Donald Trump conseguiu desagradar gregos, troianos, gaúchos e baianos quando, em sua rede Truth Social, disse com todas as letras que o Papa Leão XIV é fraco. Criticou sua visão de política externa, que considera insuficientemente rigorosa com armas nucleares. Será que o Vaticano esconde um botão vermelho na Capela Sistina? Talvez por isso não deixem que a gente fotografe lá dentro.

Mas sejamos coerentes. O “coisa ruim” do Trump, desta vez, tem mesmo razão. Nunca vi um papa ser tão menos pop e pronto como Leãozinho. O cara não rosna: mia! Esse episódio, que faz a amalgamação da geopolítica, teologia e um leve toque de stand-up involuntário, expõe o pontífice. Trump, gerente das armas mais letais do planeta, cobra do papa uma postura mais dura. Falndor a verdade: só se o papa ajudasse com um sermão e dois guardas suíços.

Mas o papa hesita demais. Pensa, pensa. Este Leão XIV não tem exatamente o estilo “tweet e ataque” de alguns líderes contemporâneos. Ele faz a tal da diplomacia contemplativa. Seus sermões, suas homilias, parecem as dos velhos padres de antigamente da Igreja de Nossa Senhora do Mont Serrat, na Ponta do Humaitá, que davam sonolência em nós, meninos.

Questionado sobre a guerra envolvendo o Irã, o papa foi “radical”: pediu paz e nada mais disse ou ousou. Talvez até se tivesse ameaçado Trump com a excomunhão funcionasse mais. Ou ameaçasse chamar São Miguel Arcanjo com sua espada flamejante. Todo diabo tem medo

de São Miguel. Trump interpretou a posição do papa como apenas fraqueza.

Mas o papa é fraco mesmo. Mostrou desde o início, e claro que os cardeais elegeram para apagar o fogo que o Papa Francisco, seu antecessor, tinha posto no Vaticano. Era preciso alguém mais “prudente”. Um gato manso. Em outra ocasião, ao comentar tensões no Oriente Médio, Leão XIV pediu cessar-fogo e diálogo, como se essa posição no mundo atual fosse revolucionária. Hoje, na arena geopolítica, pedir calma soa como “titubear”. Existem relatos de que, em reuniões internas, o papa já demorou mais tempo escolhendo palavras do que alguns governos levam para escolher alvos. Foi defendido por um cardeal: “Sua Santidade não hesita — ele pondera”. O papa propôs “mais escuta e menos pressa”, ou seja, adiem, até que ninguém mais lembre.

Na maioria dos casos, tem feito um silêncio “estratégico”. Para muitos, é indecisão. Aí Trump se aproveita e atropela com seu jeito desumano e caótico de ser. Até garantiu que o papa deve a ele sua eleição. Vá saber. Só falta conclave em Washington. O papa disse que não tem medo de Trump; bom saber. Mas que ele saiba que não basta apenas ser um líder espiritual. Como diria uma boa e velha propaganda criada pelo falecido publicitário baiano Duda Mendonça: “Não basta ser pai. Tem de participar”. Que, a partir de agora, o Papa “vá de com força”, como se diz na Bahia.

***Jolivaldo Freitas é escritor e jornalista. Membro da Associação Bahiana de Imprensa (ABI) e da Academia de Cultura da Bahia (ACB).**

EDITORIAL

Crise na saúde de Campinas: real e grave

A crise na saúde pública de Campinas deixou de ser uma percepção pontual para se consolidar como um problema real, persistente e cada vez mais preocupante. Os episódios recentes não apenas se acumulam, como revelam um padrão de falhas estruturais, operacionais e de gestão que impactam diretamente a população.

A denúncia sobre o Centro de Saúde da Vila 31 de Março é mais um retrato desse cenário. De um lado, uma unidade que funciona em condições precárias, em um prédio provisório deteriorado. De outro, a expectativa de uma nova estrutura que poderia aliviar a demanda, mas cuja obra está paralisada há meses. O resultado é conhecido: usuários expostos a um atendimento comprometido e profissionais submetidos a condições inadequadas de trabalho.

Este problema está longe de ser isolado. Em outras regiões da cidade a realidade se repete com diferentes faces. No Centro de Saúde da região central, a suspensão de atividades após episódios de violência escancarou um ambiente de trabalho inseguro e uma rede incapaz de absorver a demanda. A falta de médicos, que deixa milhares de pessoas sem atendimento regular, amplia a sensação de abandono.

A escassez de medicamentos básicos em diversas unidades agrava ainda mais o quadro. Relatos de pacientes que não encontram remédios essenciais contrastam com denúncias de falhas na distribuição,

indicando que o problema não está apenas na falta de insumos, mas na forma como são geridos. Quando o acesso ao tratamento é interrompido, o impacto recai diretamente sobre a saúde da população.

Nos hospitais, a superlotação confirma a sobrecarga do sistema. Unidades operando acima da capacidade, pacientes em macas e cirurgias adiadas não são exceções; são sinais de um sistema pressionado além de seus limites. Cada um desses episódios, isoladamente, já exigiria atenção. Juntos, evidenciam uma crise em curso. É importante reconhecer que há iniciativas e investimentos anunciados pela administração municipal. No entanto, os dados recentes mostram que essas ações ainda não foram suficientes para reverter o cenário. A percepção nas unidades de saúde é de que os problemas persistem e, em alguns casos, se intensificam.

A crise na saúde de Campinas não pode ser relativizada nem tratada como um conjunto de ocorrências desconectadas. Trata-se de um quadro sistêmico, que exige respostas rápidas, planejamento consistente e transparência. Mais do que promessas, a população precisa de soluções concretas. Enquanto obras permanecem paradas, unidades seguem deterioradas, profissionais trabalham sob pressão e pacientes enfrentam dificuldades para acessar serviços básicos, a tendência é clara: a crise não apenas existe, como cresce. Ignorá-la ou minimizá-la é adiar um enfrentamento que já se tornou urgente.

Opinião do leitor

Demagogos

A decisão da Comissão de Relações Exteriores do senado de formalizar comitiva de parlamentares para ir aos Estados Unidos visitar Alexandre Ramagem apunhala o bom senso e a inteligência dos cidadãos brasileiros. É muita falta do que fazer, além de desperdício do dinheiro público.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sâ e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.